

Resumo acadêmico: uma tentativa de definição

Andréa Lourdes Ribeiro¹, letras@faminasbh.edu.br

1. Doutora em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte; professora na Faculdade de Minas-BH (FAMINAS), Belo Horizonte, e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Resumo: Resumir é uma das práticas lingüísticas mais freqüentes na vida cotidiana. Saber resumir textos lidos é uma capacidade necessária, nas sociedades letradas, para o desempenho de várias funções e atividades profissionais. Resumir é também um saber-fazer necessário ao universo escolar, principalmente no ensino superior, em que é constantemente solicitado pelos professores. Dada a expressiva circulação do resumo nessa esfera de uso, o objetivo deste trabalho é auxiliar na definição desse gênero como atividade didática no contexto acadêmico. Para tal, esse estudo apoia-se na noção bakhtiniana de gênero, compreendida sob a perspectiva sócio-interacionista por Bronckart (1999) e Marcuschi (2002).

Palavras-chave: gênero textual, resumo, contexto acadêmico.

RESUMEN: Resumir es una de las prácticas lingüísticas más frecuentes en la vida cotidiana. Saber resumir textos leídos es una capacidad necesaria, en las sociedades letradas, para el desempeño de varias funciones y actividades profesionales. Resumir es también un saber necesario para el universo escolar, principalmente en la educación superior, en que es constantemente solicitado por los profesores.

Debido a la expresiva circulación del resumen en esta esfera de uso, el objetivo de este trabajo es auxiliar en la definición de este género como actividad didáctica en el contexto académico. Para tal, ese estudio se apoya en la noción bakhtiniana de género, entendida sobre la perspectiva socio-integracionista por Bronckart (1999) e Marcushi (2002).

Palabras llaves: género textual, resumen, contexto académico.

ABSTRACT: Summarizing is one of the most frequent linguistic practices in day by day life. Knowing to summarize well the texts read is a necessary capacity, in the literate societies, for the performance of several functions and professional activities. Summarizing is also a knowledge – necessary doing to the school universe, mainly in superior education, in which it is requested by the professors. Given the expressive circulation of the summary in this sphere of use, the objective of this work is to help in the definition of this genre as an educational activity in the academic context. For such, this study has as support the Bakhtin's notion of genre, conceived under the socio- interactionist perspective by Bronckart (1999) and Marcuschi (2002).

Keywords: textual genre, summary, academic context.

Introdução

No contexto universitário, verifica-se que o resumo é uma atividade didática bastante solicitada pelos professores de inúmeros cursos de graduação. No entanto, é comum presenciar também um desencontro entre o que foi pedido pelo professor e o que foi produzido pelo aluno. Isso sem mencionar as constantes dúvidas de ambos os lados quanto à definição e o processo de produção do resumo no meio acadêmico.

Diante desse panorama, este trabalho busca discutir a noção de resumo, considerando sua situação contextual, os agentes envolvidos e as características do gênero, tentando lançar algumas luzes sobre a compreensão e produção do que denominamos de resumo acadêmico.

I – Um passeio pelo conceito de resumo

Ao pesquisar sobre as práticas de linguagem nos gêneros escolares, Schneuwly e Dolz, voltando seus estudos para o nível fundamental de ensino, revelam que a cultura do sistema escolar define o resumo como uma representação sintética do texto que será resumido, “sendo o problema de escrita reduzido a um simples ato de transcodificação da compreensão do texto” (1999, p. 14).

Essa é a perspectiva encontrada em livros de metodologia científica e afins que orientam os universitários quanto ao uso de algumas normas na elaboração de trabalhos acadêmicos. Salvador, ao discutir métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica, define o gênero como “uma apresentação concisa e freqüentemente seletiva do texto de um artigo, obra ou outro documento, pondo em relevo os elementos de maior interesse e importância” (1978, p. 17-19). Com relação aos objetivos, baseando-se nas normas da ABNT, o autor classifica o resumo em três categorias, relacionadas ao tipo de informação que divulgam:

- resumo indicativo, que não dispensa a leitura do texto, uma vez que apenas descreve a natureza, a forma e o propósito do escrito;
- resumo informativo, que contém as principais informações apresentadas no TF, dispensando assim a leitura desse;
- resumo crítico, também chamado de resenha crítica, que formula julgamento sobre o trabalho que é resumido.

Ainda descrevendo a finalidade do resumo, mas tendo em vista o produto final, Salvador define um outro gênero textual: o resumo de assunto. Denominado também de estudo de atualização ou estado da questão, como os nomes evidenciam, esse gênero tem a função de apresentar uma visão geral de investigações feitas sobre uma determinada questão, com o objetivo de reunir conhecimentos sobre o tema que deve ser exposto e também, ainda segundo o autor, “sem discussão ou julgamento” (p. 17).

Outros autores bastante consultados no meio acadêmico tais como Severino (1986) e Salomon (1971/2001), ambos em consonância com as normas da ABNT, adotam a mesma definição e classificação para o resumo. Medeiros (1991) inova ao apresentar uma quarta categoria que conjuga duas já existentes: o resumo indicativo/informativo, que dispensa a leitura do texto-fonte quanto à conclusão, mas não quanto aos aspectos tratados.

Medeiros também trata de outros gêneros textuais que circulam no âmbito acadêmico, tais como o fichamento. O autor propõe que o fichamento pode ser realizado pelo estudioso com diferentes funções, do que derivam variados tipos de fichas: ficha de indicação bibliográfica; ficha de assunto; ficha de transcrição; ficha de resumo; ficha de comentário. De acordo com esse autor, a ficha de resumo “apresenta uma síntese das idéias do autor” (1991, p. 55). Essa definição confunde-se com a de resumo que o mesmo autor oferece.

Afinal, não fica claro se a síntese das idéias do autor registra-se como um fichamento ou como um resumo.

Entre os autores consultados, verifica-se que sob o rótulo geral de *resumo* são reunidos diferentes gêneros textuais (ou sub-gêneros) – resumo indicativo, resumo informativo, resumo crítico ou resenha – que se distinguem na forma e na função. As diferentes categorias estabelecidas para o resumo pautadas na ABNT acentuam a confusão terminológica, uma vez que as nomeclaturas adotadas confundem-se com a denominação dada por outros manuais aos mesmos gêneros acadêmicos, como por exemplo: resumo indicativo e fichamento; o resumo crítico e resenha. Essa confusão terminológica traz conseqüências para a produção do resumo tanto para o professor como para os alunos que muitas vezes não conseguem chegar a um consenso quanto à expectativa um do outro.

Além disso, as definições apresentadas são de cunho estruturalista e oferecem uma visão simplista do processo de produção, uma vez que, de acordo com elas, para resumir, bastaria ao leitor descodificar o texto-fonte para depois codificá-lo sinteticamente. Elas desconsideram o funcionamento discursivo em jogo no processo de elaboração do resumo. Por isso, rever o conceito de resumo, a partir de perspectivas que tenham como base a teoria da enunciação e que partam da noção de gênero, torna-se fundamental.

II – Gênero textual

Segundo a concepção de Bakhtin (1952/1992¹, p. 279), os gêneros são padrões relativamente estáveis de texto, do ponto de vista temático, composicional e estilístico, que se constituem historicamente pelo trabalho lingüístico dos sujeitos nas diferentes esferas da atividade humana, para cumprir determinadas finalidades em determinadas circunstâncias. As atividades e expectativas comuns, que definem necessidades e finalidades para o uso da linguagem, o círculo de interlocutores, que define hierarquias e padrões de relacionamento, a própria modalidade lingüística (oral ou escrita), ligada ao grau de proximidade e intimidade dos interlocutores, tudo isso acaba definindo formas típicas de organização temática, composicional e estilística dos enunciados.

Os gêneros se realizam empiricamente nas mais diferentes espécies de texto, orais ou escritos, que circulam em nosso uso cotidiano e são denominados de receita culinária, telefonema, carta, romance, manuais de instrução, bula de remédio, lista telefônica, notícias, dentre muitos outros. Para produzir qualquer um desses textos, o sujeito aciona, além de suas representações so-

1 Trata-se do estudo “Os gêneros do discurso”, escrito em 1952-1953 e não integralmente concluído, publicado em **Estética da criação verbal** (1952/1992).

bre a situação de ação linguagem, seus conhecimentos sobre os modelos portadores de valores de uso elaborados pelas sociedades anteriores, ou seja, os gêneros indexados disponíveis no intertexto (BRONCKART, 1999, p. 137).

Embora qualquer falante da língua portuguesa consiga identificar facilmente qualquer dos textos listados anteriormente, isso só é possível porque esses gêneros são formas convencionais de enunciados, mais ou menos estáveis, histórica e socialmente situadas. No entanto, o aspecto convencional não impede a tendência à inovação e à mudança, que confere aos gêneros dinamicidade e complexidade variável. Isso porque eles se definem não apenas por propriedades lingüísticas, mas predominantemente por propriedades funcionais e pragmáticas (MARCUSCHI, 2002, p. 19-36).

A tendência à inovação e à mudança gera a necessidade de os gêneros serem apreendidos no dia-a-dia pelos membros de uma comunidade. Isso porque, tal como postulou Bakhtin (1952/1992), os gêneros são modelos comunicativos utilizados socialmente, que funcionam como uma espécie de padrão global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas e que nos permitem identificar um texto individual como membro de uma classe mais geral. Por isso, para Marcuschi (2002, p. 20-21), os gêneros não dependem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua, sendo as propriedades inalienáveis dos textos empíricos guias que direcionam produtor e receptor.

Uma outra consideração de Marcuschi (2002, p. 21) sobre os gêneros é que esses podem apresentar-se bastante heterogêneos com relação à forma lingüística. Isso porque há muitos casos em que não é a forma que determina o gênero, tal como exemplifica o autor, um texto pode ser considerado como um artigo científico se publicado numa revista científica, já se o mesmo texto for publicado num jornal diário ele passa a ser um artigo de divulgação científica. O que muda não é o texto, mas sim sua função e principalmente os seus aspectos sócio-comunicativos. Assim, para definir um gênero Marcuschi defende que é preciso considerar os papéis dos atores, as funções e objetivos do evento comunicativo e o modelo disponível no intertexto². Essas considerações atestam que dominar um gênero não é dominar suas características lingüísticas, mas sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações particulares de uso (MARCUSCHI, 2002, p.35-36).

A perspectiva teórica sócio-interacionista postula que a comunicação humana é realizada através de uma forma textual concreta, produto de uma atividade de linguagem em funcionamento numa dada formação social. De acordo com Bronckart (1999, p. 137), as formações sociais elaboram os dife-

2 Como não são conhecidos “modelos” de *resumo acadêmico* que circulam no meio acadêmico, essa característica não será considerada para a definição desse gênero.

rentes gêneros em função de seus objetivos, interesses e questões específicas. Para o autor, as formações sócio-discursivas³ designam “as diferentes formas que toma o trabalho de semiotização em funcionamento nas formações sociais” (p. 141).

Bronckart, tal como Marcuschi (2002), baseando-se também em Bakhtin, postula ainda que, se os gêneros são meios sócio-historicamente construídos para realizar objetivos comunicativos determinados, “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (1999, p. 103). Por isso, para a realização de uma comunicação eficiente, é fundamental o conhecimento do gênero envolvido numa determinada prática social.

Diante desse quadro teórico, podemos considerar o resumo como um gênero na medida em que ele é uma realização lingüística em funcionamento em diferentes instâncias da sociedade atual, entre elas o ensino superior.

III – Gênero resumo

Como os gêneros definem-se predominantemente por propriedades funcionais e pragmáticas, é preciso, antes de tecer o conceito de resumo acadêmico, fazer uma breve consideração sobre a esfera social na qual esse gênero circula. Também é preciso conhecer os estudos atuais sobre o resumo que o redefinem a luz das teorias que se fundamentam nas noções bakhtinianas de gênero textual.

Diante dessas considerações, será realizada em primeiro lugar uma investigação sobre o meio de circulação desse gênero, o contexto acadêmico, abordando também os papéis dos atores, configurando também as funções e os objetivos desse evento comunicativo. Em seguida serão levantadas as contribuições de alguns lingüistas que se preocuparam em entender o resumo como um gênero textual.

3.1– Contexto acadêmico

Resumir é uma das práticas lingüísticas mais freqüentes na vida cotidiana. Saber resumir textos lidos é uma capacidade necessária, nas sociedades letradas, para o desempenho de várias funções e atividades profissionais. Por exemplo: um advogado precisa resumir o que leu num processo; um administrador, o que leu num projeto; um jornalista, o que ouviu numa entrevista e assim por diante.

3 O autor baseia esse conceito no de “formação discursiva” desenvolvido por Foucault (1969)

Resumir é também um saber-fazer necessário ao universo do ensino. Schneuwly e Dolz acreditam que o resumo constitui-se num “eixo de ensino/aprendizagem essencial para o trabalho de análise e interpretação de textos e, portanto, um instrumento interessante de aprendizagem” (1999, p. 15).

Na prática acadêmica, a atividade de resumir é freqüentemente solicitada pelos professores de ensino superior que propõem a produção de resumos de gêneros em circulação no contexto universitário. Esses gêneros caracterizam-se por possuírem um enunciador autorizado pelo meio científico a veicular conhecimentos advindos de estudos e pesquisas. Essa autorização, somada ao poder da escrita, pode criar para o leitor um efeito de verdade, situando o discurso científico num espaço do *saber* que encontra respaldo na ciência.

Como lugar de práticas discursivas, o contexto acadêmico também estrutura um saber-fazer. Nas ciências humanas, o saber no meio acadêmico é um saber de teorias, de modelos de outros. A origem desses diferentes saberes e a forma de apropriar-se dos mesmos podem ou não manifestar-se lingüisticamente nos textos teóricos⁴. No entanto, tal como aponta Bakhtin (1929/2002) ao referir-se ao discurso retórico, o discurso científico não é tão livre na sua maneira de tratar o enunciado pelo outro. “Ele tem, de forma inerente, um sentimento agudo dos direitos de propriedade da palavra e uma preocupação exagerada com a autenticidade” (p. 153). Em virtude disso há no meio acadêmico determinações específicas sobre como representar o discurso do outro, as regras de citação. Esse fazer obedece a convenções normatizadas, no caso do Brasil, pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) (FRANÇA, 2003).

As regras estabelecidas pela ABNT para a citação nos resumos colocam à disposição do textualizador duas maneiras de expressar as vozes secundárias em seus resumos: a citação direta e a indireta. Tal como apontou Bakhtin (1929/2002, p. 147), embora essas formas sejam convencionadas socialmente, elas traduzem de maneira ativa e imediata uma apreensão ativa e apreciativa do discurso do outro.

Quanto ao funcionamento discursivo da linguagem, adaptando-o às considerações de Orlandi (1983), no contexto acadêmico, o estabelecimento da cientificidade no discurso pode ser observado em dois pontos: a) a metalinguagem; e b) a apropriação do cientista feita pelo aluno. Como a “metalinguagem tem um espaço para existir” (ORLANDI, 1983, p. 13), a expectativa no meio acadêmico é que o aluno-textualizador empregue as convenções estabelecidas para a linguagem em uso nesse contexto, ou seja, que reproduza com suas próprias palavras o saber legitimado pela instituição. A

4 A expressão *texto teórico* estará sendo usada a partir daqui como sinônima de gêneros que circulam no âmbito acadêmico.

distância sócio-discursiva entre cientista, enunciador do texto-fonte, e textualizador não permite que este se confunda com aquele. Por isso, este trabalho acredita que a origem da voz veiculada no texto-fonte seja apontada pelo textualizador, através da referência bibliográfica e até mesmo do uso de citações, revelando assim para o professor-avaliador a origem do saber veiculado.

Quanto aos parâmetros da situação de ação da atividade didática, o resumo parece ter objetivos diferentes para os sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Para o aluno, o resumo tem como função cumprir uma exigência do professor para a obtenção de nota, fonte de estudo, apreensão de conteúdos importantes. Já para o professor, o resumo é uma atividade que garante a leitura do texto pedido, além de ser um instrumento que possibilita verificar o que o aluno compreendeu do que foi lido.

Definem-se, dessa forma, os papéis discursivos representados pelos sujeitos da produção textual, de um lado o aluno que deve demonstrar que está cumprindo com as exigências da disciplina e que está se apropriando dos saberes e do modo de fazer legitimados por essa esfera social; e de outro, o professor que tem a função de avaliar o grau dessa apropriação.

Diante do exposto, produzir um resumo no meio acadêmico requer do sujeito um conhecimento do saber que circula nessa esfera e do fazer, prática discursiva definida pela comunidade da qual emerge esse gênero. Nessa perspectiva, a produção do gênero resumo, mais do que um simples procedimento de ensino-aprendizagem, é também um modo de inserção nas práticas de formação de futuros profissionais.

Vejamos então como o resumo é definido a partir das teorias que o consideram como um gênero em funcionamento no interior desse contexto específico.

3.2 – Revendo o conceito de resumo

Como a elaboração de resumo é uma das propostas didáticas mais frequentes do meio acadêmico, vários pesquisadores têm se preocupado em redefinir esse gênero. A seguir serão apresentados alguns dos trabalhos que propõem um novo conceito para o resumo, partindo das concepções que consideram o texto como produto de uma ação de linguagem em um contexto específico.

Enfocando o resumo a partir do seu contexto de produção, Machado (2002), adotando as categorias do interacionismo sócio-discursivo de Bronckart (1999), acredita que a análise do contexto de produção de um texto é um poderoso auxiliar na classificação desse como pertencente ou não a um determinado gênero. Da mesma maneira que Bronckart, a autora define o contexto de produção como constituído pelas representações interiorizadas pelos agentes sobre o local e o momento da produção, sobre o emissor e o receptor

considerados do ponto de vista físico e de seu papel social, sobre a instituição social onde se dá a interação e sobre o objetivo ou efeito que o produtor quer atingir em relação ao seu destinatário.

Embora a autora aborde brevemente o resumo no contexto acadêmico, a análise dos parâmetros estabelecidos a permite concluir que os resumos são:

Textos autônomos que, dentre outras características distintivas, fazem uma apresentação concisa dos conteúdos de outro texto, com uma organização que reproduz a organização do texto original, com o objetivo de informar o leitor sobre esses conteúdos e cujo enunciador é outro que não o autor do texto original, podem legitimamente ser considerados como exemplares do gênero resumo de texto (MACHADO, 2002, p.150).

Pensando o resumo como atividade didática no ensino superior, Costa Val (1998) aborda características do gênero tais como configuração, tamanho e grau de explicitude, tratando-as como dependentes do objetivo que o resumidor tem ao produzir textos desse gênero. A autora admite inclusive a técnica de simplesmente copiar do texto-fonte as idéias principais quando se trata de produzir um registro de leitura para uso pessoal, desde que o resumidor articule essas idéias em seu texto.

Também abordando o gênero no interior da comunidade acadêmica, as pesquisas de Matencio (2003) revelam que, para produzir nesse meio, é preciso estar inserido na prática acadêmica, ou seja, não só ter se apropriado de conceitos e procedimentos em circulação nessa formação sócio-discursiva, mas também de maneiras de referenciar e textualizar esses saberes.

De acordo com essa autora, o resumo é um gênero que pode ser encontrado sob diferentes formas nas práticas acadêmicas de acordo com a função que exerce, podendo ser agrupado em duas categorias:

- resumos envolvidos no processo de elaboração de pesquisa que têm a função de mapear um campo de estudo, integrando a discussão do estado da arte;
- resumos colocados geralmente antes de um texto científico (artigos, dissertações, teses), que têm a função de apresentar e descrever o modo de realização do trabalho ao qual se refere – são os *résumés* ou *abstracts*.

Para a autora, o primeiro tipo de resumo “implica um alto grau de subordinação” ao texto-fonte, já que permite ao leitor recuperar as macroproposições desse. Já os *résumés* ou *abstracts*, contidos no segundo grupo, não se preocupam em descrever a estrutura do texto-fonte, mas de enforçar o modo de realização do trabalho científico. Para ela (2003, p. 9), esses diferentes resumos poderiam ser entendidos como estando num *continuum* que vai dos que se aproximam mais do texto-fonte até aqueles que apenas se referem brevemente a ele.

Há também de acordo com Matencio (2003, p. 9), uma terceira categoria, os resumos que são solicitados pelos professores universitários com o propósito oferecer aos alunos a apropriação dos conceitos necessários à sua formação e de integrá-los às práticas discursivas do meio acadêmico. É nesse contexto que se insere o resumo como atividade didática, neste trabalho denominado resumo acadêmico. Esse tipo é no *continuum* proposto pela autora, o que mantém um maior grau de fidelidade com relação à configuração do texto lido.

IV – Resumo acadêmico

Diante de todas essas considerações, define-se como resumo acadêmico um texto que explicita de forma clara uma compreensão global do texto lido, produzido por um aluno-leitor que tem a função demonstrar ao professor-avaliador que leu e compreendeu o texto pedido, apropriando-se globalmente do saber institucionalmente valorizado nele contido e das normas as quais o gênero está sujeito. Nessa esfera de circulação, a função do resumo acadêmico é ser um texto autônomo, que recupera de forma concisa o conteúdo do texto lido numa espécie de equivalência informativa que conserva ou não a organização do texto original.

Quanto à função, verifica-se que o resumo no contexto acadêmico serve tanto ao aluno, como eficiente instrumento de estudo dos inúmeros textos teóricos e científicos que tem que ler, quanto ao professor, como instrumento de avaliação que permite verificar a compreensão global do texto lido.

Além disso, o resumo acadêmico pode ser considerado um gênero que proporciona ao aluno a inserção nas práticas acadêmicas, uma vez que através desse gênero ele tem a oportunidade de manifestar sua compreensão de textos científicos e exercitar a escrita nos moldes acadêmicos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec-Annablume, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Produção de textos com função de registro de leitura ou compreensão de texto oral – esquema, resumo e resenha crítica**. Belo Horizonte: Programa de Inovação Curricular e Capacitação de Professores de Ensino Médio. Coordenação da Revisão do Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação do Estado de Minas Gerais, 1998.

FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 6. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MACHADO, Anna Rachel. Revisitando o conceito de resumos. In: DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 138-150.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (re) textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. In: **Scripta**, Belo Horizonte: PUC-MG, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 1991.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 5-16, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 1986.